

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE CRISTÃ NO *DE MORTALITATE* DE CIPRIANO DE CARTAGO DURANTE O PERÍODO DA PESTE (SÉCULO III D.C.)

Igor Pereira da Silva

Graduando em História

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo: Na presente comunicação, temos por objetivo expor a análise da representação cristã da morte no contexto do século III d.C. por meio do *De Mortalitate*, de Cipriano de Cartago. Para uma adequada abordagem metodológica da fonte, utilizaremos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Utilizaremos o conceito de *representação*, de Roger Chartier, de *identidade*, de Tomas Tadeu da Silva e de *morte*, de Ernest Becker, para trabalhar o emprego do discurso de Cipriano, que, ao diferir a morte cristã da pagã, cria uma divisão entre a morte pela fé e a simples morte no *saeculum*. Buscando estabelecer a identidade dos cristãos em meio ao *saeculum*, Cipriano o diferencia dos demais por intermédio da construção simbólica acerca da morte, instrumento fundamental para a formação de uma identidade cristã na *Ecclesia* de Cartago.

Palavras-chave: África romana; Martírio; Peste; Morte; Cipriano de Cartago.

Nascido entre os anos 200 e 210,¹ Tásccio Cecílio Cipriano era membro de uma família da aristocracia cidadina de Cartago, então capital da província romana da África Proconsular, e atual território da Tunísia; a única fonte biográfica sobre a vida de Cipriano foi escrita por Pôncio, um diácono da igreja de Cartago e contemporâneo de Cipriano, identificado como o autor de *Vita Cypriani*.

Cipriano foi educado em Cartago, onde teve considerável formação na *Paideia* greco-romana. Mesmo tendo em sua base familiar a religião pagã, influenciado pelo presbítero Ceciliano, em 246, Cipriano se batiza na fé cristã. Depois de dois anos (248/249) Cipriano alcança a posição de presbítero, e pouco tempo depois foi ordenado bispo de Cartago por consenso popular (SOARES, 2016, p. 44), situação que provocou divergências no interior da comunidade cristã cartaginesa.

¹ Todas as datas utilizadas correspondem ao período considerado depois do nascimento de Jesus Cristo (d.C.), a exceções serão devidamente identificadas com a sigla d.C.

No contexto no qual Cipriano atuou, estabeleceu-se a "Anarquia Militar" (235 a 284), um período político-econômico conturbado da história do Império Romano. Os reinados de curta duração dos imperadores e as repetidas usurpações militares do trono imperial são as características de maior destaque deste período em que a força militar se sobressaiu sobre todas as demais.

Quanto às províncias do Império – posição na qual Cartago, como capital da África Proconsular, se encaixa –, é importante destacar que nem todas elas foram afetadas da mesma maneira e ao mesmo tempo pelas mudanças, portanto, considera-se importante ter reservas no uso de termos generalizantes para tal período (SOARES, 2017, p. 72). Entretanto, é possível entender que Cartago vivenciou alguns dos problemas que afligiram a maioria do território imperial, os quais são relatados pelo próprio Cipriano, como os problemas econômicos, aumento de ataques bárbaros, doenças, fome e seca (SOARES, 2016, p. 81).

Em 240, Décio é posto no poder por uma legião e no ano de 250 inicia a maior perseguição aos cristãos, isso por que esses se recusavam a sacrificar aos deuses tutelares de Roma (GONÇALVES, 2006, p. 186), algo, obrigatório e condenável se não praticado em todo o Impero Romano. Sob a perseguição de Décio, Cipriano, como recém-ordenado bispo, vê-se enfrentando uma primeira instabilidade em sua congregação. Cipriano exila-se durante o período da promulgação do édito que permitiu a condenação de líderes da Igreja.

A perseguição de Décio, mesmo que tenha durado apenas um ano, revelou fraquezas da Igreja, o número de dissidentes da fé cristã em toda a Europa suplantou o número de mártires (SILVA, 2006, p. 248). Entretanto, especificamente na África Proconsular, a perseguição aos cristãos não conseguiu desequilibrar a fé de muitos, que até mesmo "desejavam o martírio" (MAHJOUBI, 2010, p. 507).

Mesmo com a permanência de fieis, quando da volta de Cipriano para Cartago, a fé cristã estava conturbada, pois os *lapsi* (aqueles que negaram a fé cristã)² oriundos da perseguição precisavam de respostas para a sua condição. Para tal, o bispo escreveu o tratado *De lapsis*. Nesse opúsculo, Cipriano toma uma posição, só permite àqueles que negaram a Deus retornar à fé se sofrerem a devida penitência, condenando os que almejam retorno fácil à congregação (*De lapsis*, 16).

² ou *labi*, termo em latim, usado por Cipriano para se referir aos fieis que não suportaram a perseguição de Décio e negaram a fé cristã (LAPSI, 2002, p. 809).

Desde o início de seu trabalho na Igreja, Cipriano desenvolveu discursos a serem proferidos para sua congregação, opúsculos que revelam sua posição, principalmente em favor da união e da estabilidade da fé cristã, então em estruturação na África Proconsular. Demonstrando grande domínio da hermenêutica cristã, se debruça em resolver as contendas e as divergências entre seus fiéis.

Em 252, Cipriano é obrigado a usar de sua oratória para conservar os cristãos de sua *Ecclesia*, já há muito saturada. Uma peste, supostamente vinda do Egito (REZENDE, 2009, p. 77) chega a Cartago e aflige tanto os cristãos como os pagãos.

Cipriano escreve o opúsculo *De Mortalitate* em tal contexto, enquanto observa os seus "irmãos diletíssimos", isso é, os seguidores da fé cristã que comungavam junto de seu bispo, serem provados pela peste no mesmo nível em que os seguidores das religiões greco-romanas. Pela primeira vez, um cristão escreve um texto em latim para consolar os adeptos dessa nova religião (SCOURFIELD, 1996, p. 32). Mesmo que existam dúvidas quanto ao modo como foi transmitida, essa serviu de instrumento de forja da fé cristã. Perante os irmãos, Cipriano reforça a crença na vida após a morte, mas para isso é preciso que estes mantenham a fé em Deus e por isso sejam diferenciados de todos os outros.

Cipriano apresenta uma nova visão sobre a separação entre a mortalidade dos cristãos e a mortalidade dos adeptos das religiões greco-romanas, de modo a diferenciar os que seguem veementemente "A Escritura Divina" e os que a negligenciam. O fiel seguidor dos textos sagrados, o "soldado de Deus", não se entristece perante a morte, pois já tem reservado uma sobriedade nos acampamentos celestiais, diferente do greco-romano, que sofrerá por ter se enfraquecido perante as "seduções do século" (*De Mortalitate*, 4).

Cipriano trata da morte cristã como uma morte libertadora, e profere:

Se, portanto, alegrar-se é ver o Cristo, [...] que cegueira de mente, que insanidade de espírito é amar as angústias, as penas e as lágrimas do mundo, em vez de correr ao encontro da alegria que nunca nos poderá ser tirada (Cipriano, *De mortalitate*, 5).

No *De Mortalitate* Cipriano cria uma representação da morte cristã por meio da diferenciação construída entre cristãos e não cristãos, fazendo a morte encarnar a "viagem da salvação" dos cristãos e morte dos "inimigos do Cristo". Ao diferenciar a morte dos cristãos da dos pagãos, Cipriano cria uma identidade entre os cristãos.

Assim, inteirados da situação de descompasso civil causada pela peste em Cartago, propomos a análise da morte cristã apresentada no *De Mortalitate*, buscando compreender como Cipriano efetiva a construção da representação social da morte cristã, de modo a ser encarada como benéfica, e como essa característica torna-se uma identidade entre os cristãos, ao mesmo tempo em que cria uma diferença para com os outros membros do *saeculum*, seguidores de outras religiões em geral.³

A metodologia que usaremos no tratamento das fontes é detalhada por Laurence Bardin (2007), em *Análise de Conteúdo*, mais precisamente no processo de categorização. O nosso aporte teórico se associará aos conceitos de representação, identidade e morte.

Para podermos trabalhar o conceito de *representação*, recorreremos à interpretação de Roger Chartier. Desse modo, esse conceito carregaria a visão simbólica de uma determinada realidade, visão essa construída e não inerente ao objeto. Tais determinações, de acordo com Chartier (1990, p. 170), podem servir para "ilustrar e validar sua própria *representação* das disposições culturais". E quanto ao nosso tema, formulamos a hipótese de que as construções literárias de Cipriano criam representação sobre os seus comuns (os cristãos) e o mundo exterior (o *saeculum*).

Procurando esclarecer o conceito de *identidade*, utilizaremos Tomaz Tadeu da Silva (2000), que apresenta esse conceito se constituindo como criação da diferenciação. Ao considera-las construções sociais e culturais, a *identidade* e a diferença se estabelecem como correlacionadas, e, desse modo, o artífice da diferenciação mantém "acesso privilegiado" às relações de poder (SILVA, 2000, p. 81). Por isso, levantamos a hipótese de Cipriano ser o desenvolvedor da identidade cristã, enquanto ocupa a posição de bispo da cidade de Cartago. Ao examinarmos a morte, utilizaremos a obra *Negação da Morte*, de Ernest Becker, em que ele explicita a abordagem humana da morte e como a visão da imortalidade pós-vida tem sido, historicamente esclarecida pela religião, que acaba sobrepujando a dimensão do temor da finitude da vida, "uma proposição universal na condição humana" (BECKER, 1973, p. 9). Nessa compreensão, a morte não é encarada como uma realidade humana, mas esquecida e encoberta pela crença absoluta na vida após a morte, fazendo da religião uma forma do ser humano se acalantar perante o fato biológico morte (BECKER, 1973, p. 26).

³ *Saeculum* é um termo em latim usado por escritores do início do cristianismo para se referir ao mundo e ao tempo humano, muitas vezes sublinhando o caráter pecaminoso da vida humana, em oposição à realidade divina (SÉCULO, 2002, p. 1264).

Ao assumir uma construção da *representação* da *identidade* e da *morte* no meio cristão, demonstramos a vinculação do nosso aporte teórico à linha da Nova História Cultural, pois esta construção de representação da morte, como evidenciado por Roger Chartier (1990, p. 27), se dá pelas práticas articuladas no meio, sendo ele social, político ou discursivo.

Referências

Documentação primária impressa

CIPRIANO DE CARTAGO. *A Mortalidade*. Introdução e tradução pelas Monjas Beneditinas da Abadia de N. S. das Graças. São Paulo: Paulus, 2016.

CIPRIANO DE CARTAGO. *O lapsus*. Introdução e tradução pelas Monjas Beneditinas da Abadia de N. S. das Graças. São Paulo: Paulus, 2016.

Obras de apoio

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

BECKER, E. *A Negação da Morte*. São Paulo: Record, 1973.

SÉCULO. LOI, V. In: BERNARDINO, A. di. (Org.) *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Trad. de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1264.

BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas religiosas nas cidades romano-africanas: identidade e alteridade. *Phoênix*: Rio de Janeiro, n. 5, p. 325-348, 1999.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

GONÇALVES, A. T. M. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Org.) *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/Edufes, 2006, p. 175-191.

LAPSI. VOGT, H. J. In: BERNARDINO, A. di. (Org.) *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Trad. de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 809.

MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, G. *História geral da África: África antiga*. Brasília: UNESCO, 2010. V. 2.

REZENDE, J. M. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

SCOURFIELD, J. H. D. *The De Mortalitate of Cyprian: Consolation and Context*. *Vigiliae Christianae*, 1996.

SILVA, G. V. da. A relação Estado/Igreja no Império Romano. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Orgs.) *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/Edufes, 2006, p. 241-66.

SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-101.

SOARES, C. S. Separando a palha do bom grão: autoridade episcopal e disciplina eclesiástica em Cartago segundo o testemunho de Cipriano (séc. III d.C.). 2016. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas), Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.